REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO DO HOMEM NEGRO: FILME MANDINGO - O FRUTO DA VINGANÇA

Matheus Eduardo Borsa [1]

Melina Kleinert Perussatto [2]

Resumo:

Neste trabalho busca-se fazer uma análise do filme Mandingo - O fruto da vingança, lançado em 1975 nos Estados Unidos, observando as relações de gênero, sexualidade, raça e classe, especificamente a partir das representações sobre o corpo masculino negro. Como referências teóricas, os feminismos negros e suas teorizações sobre a perspectiva interseccional, que busca entender como diferentes marcadores sociais impactam de forma entrecruzada sobre processos históricos e sobre a produção do conhecimento. Esse trabalho também tem por objetivo ser um primeiro contato com uma fonte histórica e analisar, por meio dela, como o corpo masculino negro foi representado e colonizado no imaginário do indivíduo, bem como entender o lugar que esse corpo ocupava na sociedade como ele era visto. Para isso, utiliza-se algumas referências pós-coloniais. Com base nos resultados, foi possível compreender que a imagem hipersexualizada sobre o corpo negro parte de uma construção social, anterior ao pós-abolição, e que é reforçada por estereótipos de representação social.

Palavras-chave: Análise filmica. Masculinidades negras. Interseccionalidade

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO DO HOMEM NEGRO: FILME MANDINGO - O FRUTO DA VINGANÇA

[1] Aluno de graduação. matheusborsa@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. melinaperussatto@gmail.com. Orientador

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO DO HOMEM NEGRO: ANÁLISE DO FILME *MANDINGO – O FRUTO DA VINGANÇA*

1 INTRODUÇÃO

A ideia de pesquisar sobre o tema "o corpo do homem negro no pós-abolição" surgiu a partir do contato com os temas gênero e raça, em grupos de estudos ofertados na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó-SC. Um fato que impulsionou o desejo de pesquisar esse tema foi a questão de que os estudos das masculinidades estão em um debate recente e há uma invisibilidade do homem negro nestes estudos.

Deste interesse, procurou-se o que seria o objeto de estudo e então surgiu a possibilidade de fazer uma análise do filme *Mandingo – O fruto da vingança*, de 1975, pensando, como um primeiro exercício, selecionar elementos do filme/obra e relacioná-los com o tema e a bibliografia. Nos interessou, em particular, analisar a maneira como o homem negro e seu corpo nos anos anteriores à guerra civil estadunidense foram representados em um filme produzido em um contexto de lutas por direitos civis promovidas por movimentos negros.

Nesse sentido, partindo da premissa de que a história geralmente é contada a partir de um homem branco, heterossexual e europeu, fez-se necessário abrir um debate que contemple outras masculinidades e suas representações. A vista disso, esse trabalho propõe uma análise fílmica inicial pautada nas relações de gênero, sexualidade, raça e classe, especificamente a partir das representações sobre o corpo masculino negro. Como referências teóricas, os feminismos negros e suas teorizações sobre a perspectiva interseccional, que busca entender como diferentes marcadores sociais impactam de forma entrecruzada sobre processos históricos e sobre a produção do conhecimento.

Esse trabalho também tem por objetivo ser um primeiro contato com uma fonte histórica e analisar, por meio dela, como o corpo masculino negro foi representado e colonizado no imaginário do indivíduo, bem como entender o lugar que esse corpo ocupava na sociedade como ele era visto. Para isso, também utilizamos algumas referências pós-coloniais.

2 METODOLOGIA

A proposta de pensar o cinema na história busca entender as representações da realidade histórica ou social contidas nas fontes audiovisuais, abandonando o conceito de fonte apenas como sinônimo de documento escrito. Utilizar o cinema como fonte e objeto da análise histórica possibilita entender alguns pontos da relação cinema-história, como por exemplo, o fato de filmes históricos não criarem um "saber histórico", eles apenas o reproduzem e o reforçam. Assim, analisar um filme é "buscar os elementos narrativos que poderiam ser sintetizados na dupla pergunta: "o que um filme diz e como o diz?" (NAPOLITANO, 2008, p. 245).

Escolhemos para a análise o filme *Mandingo – O fruto da vingança*, lançado em 1975 nos Estados Unidos em um contexto marcado por lutas protagonizadas por diversos movimentos sociais, dentre os quais os movimentos negros. Foi dirigido por Richard Fleischer com roteiro produzido por Kyle Onstott, Jack Kirkland e Norman Wexler. É um longa metragem que contempla tanto a ação quanto o romance e tem uma duração de 127 minutos. O enredo gira em torno Hammond (Perry King), filho de um fazendeiro racista e que acaba se apaixonando pela escrava Ellen (Brenda Sykes). Em contrapartida, sua mulher Blanche (Susan George) fica fascinada com o escravo Mede (Ken Norton). O longa retrata a

realidade cotidiana dos escravos antes da guerra civil, em uma grande fazenda nos Estados Unidos, trazendo um enfoque sobre os casais e romantizando as relações entre senhores e escravos.

Como categorias de análise, partimos de Joan Scott e sua definição de gênero como "um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, [assim] o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 86). É importante considerar que a categoria gênero não está mais associada apenas aos estudos sobre mulheres, como era até a década de 1990, logo, falar de gênero engloba também as masculinidades (PERROT, 1995).

Para analisar a forma como o homem negro e seu corpo foram representados no filme tornou-se fundamental considerar as categorias raça, classe, sexualidade, e não apenas gênero. Segundo Patrícia Hill Collins: "O termo interseccionalidade refere-se à percepção crítica de que raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação, habilidade e idade operam não como entidades unitárias e mutuamente exclusivas, mas como fenômenos de construção recíproca que, por sua vez, formam complexas desigualdades sociais" (COLLINS, 2015, p. 2).

A interseccionalidade, além de articular diversos marcadores, exige a atenção sobre quem escreve, pois entende que gênero, raça e classe são resultantes de uma construção social que não apenas traz prejuízos para um lado, mas também benefícios ao outro. Assim, devem ser pensados a partir de múltiplos elementos de análise. A vista disso, o primeiro momento deste estudo será dedicado a esclarecer como essas categorias serão pensadas e relacionadas com a fonte histórica para, em seguida, apresentar uma breve análise.

O projeto de pesquisa ainda está em fase inicial e nessa primeira etapa buscou-se analisar apenas a construção de representações sobre o homem negro e seu corpo como objeto sexual e ainda a relação que a senhora branca mantinha com seu escravo. Para tal, além da fonte fílmica, foram utilizadas algumas bibliografias, como "História do corpo" de Roy Porter, "Mulheres, raça e classe" de Angela Davis e "Peles negras, máscaras brancas" de Frantz Fanon.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ao iniciarmos a análise fílmica sentimos a necessidade de identificar qual espaço o corpo masculino e negro ocupava nas relações de poder na sociedade e no contexto no qual estava inserido para, assim, percebermos como a hipersexualização do corpo negro se forjou e tornou-se parte do imaginário dos indivíduos. Nessa perspectiva, foi fundamental analisar o corpo como elemento histórico, buscando superar as antigas hierarquias culturais que colocam a superioridade da mente sobre o corpo. Não faz muito tempo que a história do corpo deixou de ser negligenciada e, segundo Roy Porter, o motivo dessa displicência era:

> Por um lado os componentes clássicos, e por outro, os judaico-cristãos, de nossa herança cultural avançaram ambos para uma visão fundamentalmente dualista do homem, entendida como uma aliança muitas vezes ansiosa da mente e do corpo, da psiquê e do soma; e ambas as tradições, em seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente e alma a denegrirem o corpo (PORTER, 2011, p. 298).

Assim, o corpo sempre foi pensado como carne, como pecado, isto é, o corpo, muito além de ser masculino ou feminino, é um elemento cultural. Esse é um aspecto abordado constantemente durante o filme: como o homem negro, no caso um escravo, era visto apenas como um macho reprodutor para outras escravas. Desassociando a imagem do negro à pessoa e o associando apenas, e unicamente, a um corpo sexualizado.

A partir de referenciais pós-coloniais é possível pensar o corpo como um instrumento de poder, entender que lugar social o homem negro ocupava na escravidão e como a sexualidade interferia nessas relações de poder. Desse modo, quando se junta os elementos corpo, homem e negro é comum associar a uma sexualização exacerbada, um estereótipo que se tornou uma fantasia generalizada.

Segundo Frantz Fanon: "As pessoas não mais percebem o negro, mas apenas um pênis; o Negro está eclipsado. Ele tornou-se um pênis" (FANON, 1986, p. 170). Assim, a análise fílmica proporcionou uma outra perspectiva de interpretação de elementos culturais que são reforçados ao longo do tempo e "atuam na construção de significados distópicos que dificultam a identificação de elementos positivos das masculinidades negras como práticas sociais" (CONRADO; RIBEIRO, 2017).

Nesse contexto, devem-se considerar as realidades sociais construídas na diáspora negra, isto é, pensar que a liberdade foi arrancada do negro, tornando-o escravo e obrigando-o a abandonar sua cultura, costumes e direitos civis, para introduzi-lo em um ambiente onde é dominado. "As experiências diásporas são, também, experiências nas quais os sujeitos vivenciam o gênero, o patriarcado, a racialização e a dominação colonial como experiências corporais" (BRAH, 2006, p. 25).

O debate da interseccionalidade também se faz pertinente, já que analisar um elemento a partir de uma categoria de opressão não traz todas as respostas, ou seja, o indivíduo deve ser analisado e considerado a partir de todas as formas particulares e interseccionadas de opressão. Assim, os pensamentos teóricos dos feminismos negros podem ajudar a entender a construção das masculinidades negras, desafiando um "silêncio que tem sido um gesto de cumplicidade, especialmente o silêncio sobre os homens negros" (HOOKS, 1989, p. 128).

Desse modo, a relação entre as personagens Blanche e Mede também foi explorada, já que Mede é o protagonista do filme e desta análise. Na trama acontece o que Angela Davis chamou de o mito do estuprador negro. Em uma cena, a senhora branca estupra o escravo e coloca em evidencia a posição de poder que a mulher branca ocupa, estando diretamente acima do homem negro. Segundo Davis:

> A imagem fictícia do homem negro como estuprador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animalescas, toda a raça é investida de bestialidade. Se os homens negros voltam os olhos para as mulheres brancas como objetos sexuais, então as mulheres negras devem por certo aceitar as atenções sexuais dos homens brancos (DAVIS, 2016, p. 186).

Made, no filme, é representando como um Mandingo, que naquele contexto seria um reprodutor nato, um "puro sangue" dos escravos, isto é, utilizam de seu corpo para engravidar as escravas, o colocando no papel de animal. Diretamente relacionado com a frase de Davis, "toda raça é investida de bestialidade", Made, que perde o nome próprio para se tornar o Mandingo, é utilizado como "animal" de luta, reforçando sua "bestialidade", em uma luta contra o outro até a morte, para o bel-prazer dos senhores brancos que se divertem com suas apostas.

Além disso, o contexto histórico no qual o filme foi produzido também gerou reflexo na obra, já que, na década de 1970, os Estados Unidos passavam pelo movimento que ficou conhecido como *blaxploitation* dentro de um contexto ampliado de luta por direitos civis. Em contraponto à hegemonia branca, esse movimento tinha como finalidade a produção exclusiva para o público negro, abarcando elementos da cultura afroamericana. Além de representar a realidade do negro norte-americano da época, como a violência nos guetos, as produções traziam a história do negro no país. Esse movimento foi importante para o empoderamento e a formação de identidade, embora também, acabou consolidando alguns estereótipos, como o

homem negro bruto e a mulher negra sexualizada. Como o filme *Mandingo* foi produzido nesse cenário, pretendemos melhor investigar de que maneira sua produção dialoga com o movimento *blaxploitation.*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa ainda está na fase inicial, mas por meio desse primeiro exercício de análise foi possível entender como um historiador deve utilizar uma fonte fílmica e quais elementos históricos são possíveis de analisar. Com base nos resultados, foi possível compreender que a imagem hipersexualizada sobre o corpo negro parte de uma construção social, anterior ao pós-abolição, e que é reforçada por estereótipos de representação social.

A partir desse filme é possível e necessário considerar outros tantos elementos que contribuirão para evolução do trabalho. O próximo passo será situar a fonte historicamente, isto é, entender o que acontecia durante o período em que o filme foi produzido e pensar o contexto histórico que o filme coloca, no caso anos finais da escravidão nos Estados Unidos.

Assim será possível pensar nas relações de poder presentes no filme, parte feita nesse trabalho, e aprofundar o tema trazendo elementos do período da escravidão, tempo em que se passa o filme, e do pós-abolição, período no qual foi produzido. Também pretende-se aprofundar a análise das representações sobre o corpo negro masculino nesses dois períodos, bem como investigar os objetivos do filme, as representações que os roteiristas e a direção queriam passar ao produzirem essa obra e seu impacto sobre o público.

Essas pretensões futuras auxiliarão a contextualizar melhor o filme e mostrar que é possível falar em negro sem assimilar sua imagem a uma hipersexualização ou atrela-la à escravidão.

REFERÊNCIAS

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

COLLINS, P. H. Intersectionality's definitional dilemas. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, n. 41, p. 1-20, 2015.

CONRADO, M; RIBEIRO MORAES, A. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n.1, jan./abr. 2017.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo, 2016. 244 p.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1. ed. Salvador: Ufba, 2008.

HOOKS, bell. **Talking back**: thinking feminist, thinking black. Boston: South End Press, 1989.

MANDINGO – O fruto da Vingança. Direção: Richard Fleischer. Estados Unidos: Paramount Pictures (DVD, 127 minutos), 1975.

MORAES, V. Blaxploitation: entre o legal e o marginal. **Revista Moviment** (online), 24 set. 2016. Disponível em <https://revistamoviement.net/blaxploitation-entre-o-legal-e-o-marginal-ad8806aac5fe> Acesso em 11 set. 2018.

NAPOLITANO, M. Fonte audiovisual: a história depois dos papel. In: PINSKY, C. B. **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo, editora Contexto, 2008, p. 235 – 290.

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, v. 4, p. 9-28, 1995.

PORTER, R. História do Corpo. In: BURKE, P. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 297-334.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.